



## MANCHETE, BRASÍLIA E PARIS-MATCH: TRÊS INAUGURAÇÕES DE BRASÍLIA

**ROSSETTI, Eduardo Pierrotti**

*Universidade de Brasília. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU-UnB. Campus Darcy Ribeiro – ICC ala Norte, loco A, Caixa Postal 04431 – CEP:70910-900, Brasília-DF. eduardo\_rossetti@hotmail.com E rossetti@unb.br*

### RESUMO

O campo de pesquisa e a historiografia da arquitetura brasileira do século XX já consolidou as revistas como fonte documental de grande relevância. Este artigo enquadra a inauguração de Brasília a partir de três revistas: *Manchete*, *brasília* e *Paris-Match*, com o objetivo de ampliar as perspectivas usuais sobre a difusão da arquitetura de Brasília, seu urbanismo e seu processo construtivo em revistas não especializadas, tomando a inauguração como fato histórico comum às três revistas, por meio de reportagens e/ou edições especiais sobre a nova Capital Federal.

**Palavras-chave:** *Manchete*; *Brasília*; *Paris-Match*; revista; inauguração;



## **Manchete, Brasília & Paris-Match: três inaugurações de Brasília**

Inaugurar é um verbo transitivo direto. O Dicionário Aurélio, que dá como exemplo do verbo o entendimento de: *“Expor pela primeira vez à vista ou ao uso público.”* A inauguração de Brasília parece um bom pretexto para rever as dimensões do verbo. Afinal, o processo construtivo de Brasília como fato urbano e o processo constitutivo como fato simbólico, fazem dela algo que parece ter sido exposto *“pela primeira vez”* à vista e à dimensão pública desde sempre.

Brasília está inserida em um longo processo histórico de debates e enfrentamentos sobre a mudança da capital, retirando-a da beira d’água da Baía de Guanabara para o interior de um território redefinido no Tratado de Madri. Esta mudança da capital é um assunto que se estendeu na dimensão dos séculos, com múltiplas camadas e frentes de interesse ou atenção política na vida do Brasil, desde o Império até meados do século XX. O processo construtivo e simbólico são concorrentes para a consecução de Brasília como um fato histórico singular que ultrapassa, mas também antecede a mítica data: 21 de abril de 1960. Ao mesmo tempo, o projeto escolhido para o Plano Piloto foi resultado de um concurso público, com ampla divulgação pela imprensa. A construção da nova Capital do Brasil tornou-se um assunto nas páginas das revistas, nos jornais, nos informes da televisão e até nos informes exibidos no cinema. Nos ambientes urbanos, no Brasil e mundo a fora, parece impossível ignorar ou não ter informações sobre a transferência da capital do país do Rio de Janeiro para o Planalto Central. Brasília foi se transformando em assunto cotidiano, colocando as tensões políticas, urbanísticas, arquitetônicas, estéticas e simbólicas de seu projeto em correlações cruzadas com a publicidade, com discursos e práticas para a modernização do país, no bojo de uma cultura de massa em estado latente.

### **Crônica de uma inauguração anunciada**

Havia um fato: Brasília seria inaugurada em 21 de abril de 1960.

A definição da data para consagração da mudança da Capital Federal no dia 21 de abril de 1960 foi fixada pela Lei 3.273 – 1º/10/1957. Assim como este fato, outras questões importantes sobre a nova Capital são determinadas pela legislação que dá base a este processo histórico. A definição de *“Brasília”* como nome da futura Capital Federal, a decisão de fazer a transferência da Capital Federal para uma área na região do Planalto Central e criar a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil – NOVACAP são determinações da Lei 2.874 – 19/09/1956. Ou seja, a escolha da data é uma decisão que está incluída nas motivações que favoreceram a aprovação da base legal referente à criação da NOVACAP, bem como nas apostas políticas sobre o ocaso de JK diante do potencial fracasso de uma empreitada de alta complexidade, que parecia beirar o impossível. A data escolhida ainda pode ser vinculada a outros fatos ou coincidências, num arco que inclui o aniversário da cidade de Roma, o nascimento da Rainha Elizabeth II, além de revigorar a figura de Tiradentes como personagem histórico, tão brasileiro e mineiro, como JK!

Assim, num país que não prima pelo planejamento, pela continuidade das ações políticas, nem pelo cumprimento de prazos, a inauguração anunciada impõe uma outra camada de novidade na vida nacional. Por haver uma data definida, a inauguração da nova Capital se torna também algo inserido neste processo em que, construir uma nova cidade implicava em uma avassaladora quantidade de planos, de ações planejadas, ações articuladas, decisões concatenadas, etc. Construir uma cidade demandava planos! Construir Brasília demandava o Plano Piloto para seu urbanismo, os planos estratégicos de ocupação e transformação do território, planos de infraestrutura rodoviária, planos de água, luz, esgoto... Planos de educação, saúde,



abastecimento... Ou seja, para inaugurar a nova Capital era necessário construir muitas coisas antes. Para inaugurar Brasília era necessário planejar, projetar, calcular, dimensionar, produzir, transportar, transformar... Inaugurar Brasília implica na ativação de outros verbos. Não por outra razão, vale lembrar os versos de Vinicius de Moraes, diante do babilônico canteiro de obras: “60 mil candangos foram necessários para desbastar, cavar, estaquear, cortar, serrar, pregar, soldar, empurrar, cimentar, aplinar, polir, erguer as brancas empenas...”<sup>1</sup>

Os fatos simbólicos da inauguração de uma cidade implicam na organização de diversos rituais e eventos que configurem uma cerimônia. No caso de Brasília, a inauguração tem um programa bastante cuidadoso, que durou 4 dias, com início às 9:37h de 20/04/1960 —com o fechamento do Palácio do Catete— e com encerramento às 21h de 23/04/1960 —com o espetáculo musical “Alegoria das três Capitais”. Entretanto, é recorrente o senso comum reforçar a ideia de que a inauguração de Brasília foi um evento rápido, um ritual burocrático seguido de banquete, regado a muita bebida. Com o passar das décadas, a própria ideia de “inauguração de Brasília” parece ter se perdido, como se fosse realmente um mero evento burocrático com um discurso, uma missa e um baile. Mas a inauguração de Brasília seguiu um roteiro muito bem traçado.<sup>2</sup> Trata-se de uma cerimônia complexa, com mais de 30 atividades civis e militares, esportivas, políticas e não políticas, entre os dias 20 e 23 de abril de 1960. A inauguração foi trabalhada pelo cerimonial da Presidência República, ciente das etapas a serem cumpridas, ciente das autoridades que deveriam estar representadas, considerando as instituições nacionais e internacionais que deveriam integrar tal e qual ato deste conjunto de eventos que concorreram para fazer de Brasília a nova capital do Brasil.

Entre atos jurídicos e acertos burocráticos, com a presença de autoridades nacionais e estrangeiras, com corridas, regatas e atrações populares, a inauguração ocorreu em diversos espaços, edifícios, ambientes urbanos construídos em um novo território, para o qual foi mobilizada toda a “inteligência brasileira”. Tudo isso foi amplamente coberto pela imprensa nacional e estrangeira. Por esta razão, com o objetivo de pensar sobre a difusão da arquitetura nas revistas, este artigo explora de modo pontual a visão de três revistas sobre a inauguração de Brasília, tomando um exemplar de **Manchete, Brasília e Paris-Match**. A ideia inicial de tratar estas três revistas adveio também do fato prosaico de ter acesso direto aos seus exemplares, sem necessidade de usar suportes digitais. Diante da ideia de tratar apenas da revista **Manchete**, pareceu oportuno pode ter contrapontos e para isso, **Brasília e Paris-Match** se tornaram circunstancialmente oportunas, correndo o risco de eventual assimetria. Além dessa ressalva, antes de enveredar por estas três revistas, vale adiantar que há interesse sim, em fazer desdobramentos futuros sobre este assunto, ampliando o conjunto de revistas que tratam de Brasília e sua inauguração. Para tanto, serão oportunamente estudadas as edições da revista **O Cruzeiro**, de **Mundo Ilustrado**, além de exemplares das revistas **Time** e **Life**, que por sua vez, ajudarão a rever a repercussão de Brasília na escala internacional.

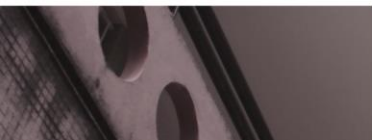
### **Manchete, Brasília & Paris-Match: 3 narrativas para a mesma inauguração**

O campo de pesquisa e a historiografia da arquitetura brasileira do século XX já consolidou as revistas de arquitetura como fonte documental de grande relevância. As revistas brasileiras e as revistas estrangeiras se configuram como um suporte estratégico para fazer especulações, elaborar reflexões e refazer problematizações acerca da produção de arquitetura, da consolidação do campo profissional, bem como da relevância da arquitetura brasileira. Títulos como *Acrópole, Módulo, Habitat, Domus, Architectural Review*

---

<sup>1</sup> Vinicius de Moraes. *Brasília, sinfonia da Alvorada*. p.452

<sup>2</sup> Para todo o programa, ver TAMANINI. p.455-532



ou *L'Architecture d'Aujourd'hui* são periódicos que se configuram como meio fundamental para a difusão de princípios e práticas, que acionam discussões e são muito influentes entre os profissionais atuantes.

A historiografia da arquitetura brasileira do século XX já tem as revistas como fonte recorrente. Seja por meio de números monográficos, números especiais ou edições ordinárias, a arquitetura brasileira foi difundida mundo a fora nas páginas das revistas e ao mesmo tempo foi divulgada nas páginas das revistas nacionais. Nelci Tinem<sup>3</sup> abriu uma perspectiva já consagrada para entrar no tema das revistas e apontou questões que nortearam o olhar estrangeiro sobre nós, ao mesmo tempo em que nossas novas abordagens historiográficas sobre a heterogênea produção brasileira do século XX redefinem valores, questões, conjuntos de obras, agentes do campo, etc. A argumentação sobre a importância das revistas e suas miríades de enfrentamento são temas das pesquisas e dos trabalhos de Maria Beatriz Cappello<sup>4</sup>, Fernando Serapião<sup>5</sup>, dentre outros.

Revistas podem ser exploradas por diversas estratégias historiográficas. Destaca-se que as revistas de arquitetura podem ser tomadas como um conjunto de documentos cuja relevância e interesse diretos são voltados para profissionais da área e profissionais de interesses conexos. Ampliando o alcance das revistas como fonte, além das revistas de arquitetura, interessa explorar a arquitetura em revistas não especializadas, mas que contribuem para difusão da arquitetura, mas também contribuem para divulgação de produtos, nomes, escritórios e serviços relacionados com o campo da construção civil. Por esta razão, interessa explorar os conteúdos de **Manchete**, **brasília** e **Paris-Match**.

Trata-se de um conjunto de revistas em que **Manchete** é uma revista semanal com grande circulação, aqui tomada por uma edição especial, aliás “edição histórica”. A revista **brasília** é uma revista editada pela NOVACAP para divulgar a construção de Brasília, aqui tomada por uma edição especial. Já a **Paris-Match** é uma revista semanal francesa de grande circulação. Ao contrapor estas revistas, torna-se possível revelar camadas historiográficas pouco trabalhadas sobre este fato marcante da história da cidade. Menos do que empreender um exercício de micro-história, interessa fazer do procedimento historiográfico apontado por Tafuri<sup>6</sup>, ou seja, partir das próprias obras —as 3 revistas— e fazer da comparação o procedimento adequado para o enfrentamento de nosso objeto. Interessa tomar as 3 revistas para desenvolver uma abordagem por meio de comparação. Interessa comparar as 3 revistas para amplificar as complexidades dos conteúdos que cada uma delas contém, uma vez que, cada uma delas aborda a inauguração de Brasília. **Manchete**, **brasília** e **Paris-Match** são tomadas como estudos de caso para provocar reflexões e promover mais uma abordagem historiográfica sobre Brasília.

Vale retomar a provocação do Editorial da primeira edição da revista *Manchete*, em 1953, que traz uma afirmação que bem pode justificar nosso interesse pelas revistas: “Os jornais nunca tiveram uma vida tão curta dentro das vinte e quatro horas de um dia. Este é o grande, o sonhado momento dos fotógrafos e dos repórteres exercitados para colher o instantâneo, o irrepetível. Depois virão os historiadores.” Portanto, somos nós, os historiadores interessados em pensar sobre Brasília que retomamos as revistas.

<sup>3</sup> TINEN. *O alvo do olhar estrangeiro*.

<sup>4</sup> CAPPELLO. *Arquitetura em revista*.

<sup>5</sup> SERAPIÃO. *Arquitetura revista*.

<sup>6</sup> TAFURI. *Teorias e história da arquitetura*. p.133

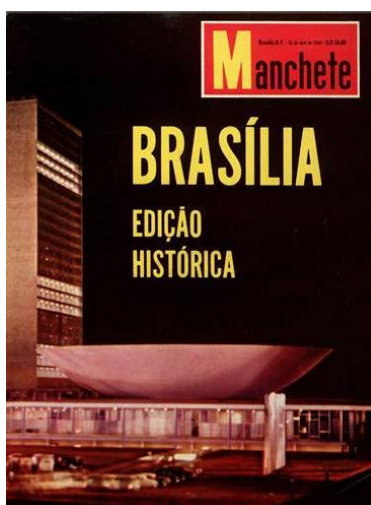


## Revista *Manchete*

A “edição histórica” da revista *Manchete* dedicada à inauguração de Brasília se insere em um conjunto de edições especiais e reportagens sobre a cidade, acompanhando toda sua história. *Manchete* tratou de Brasília desde o princípio como um assunto recorrente, seja por interesses jornalísticos, prestígio político ou oportunidades quaisquer. A *Manchete* se destacou paulatinamente perante os jornais e demais veículos de outros conglomerados de mídia que atuavam no universo editorial de então, tendo como maior concorrente a revista *O Cruzeiro*. Em sua trajetória, diversas questões administrativas incidem para seu sucesso, bem como para seu traumático processo de falência. Para assegurar a sobrevivência da revista, especula-se muito sobre as aproximações dos irmãos Bloch com os vetores do poder, adaptando-se às circunstâncias políticas para assegurar o funcionamento da revista, por meio de um jogo social calculado —uma vez que a sede da revista era um ambiente de intensa sociabilidade, com famosos almoços para convidados— a fim de obter empréstimos, financiamentos, perdão de dívidas de impostos, além de garantir os recursos da publicidade estatal. Tais articulações podem evidenciar aspectos do viés político da revista, que se manteve favorável ao desenvolvimentismo e à industrialização do país, ao mesmo tempo em que poderia abrigar em seus quadros, profissionais e funcionários de variados estratos ideológicos.

Esta edição da revista é mais uma das edições de caráter excepcional que paulatinamente marcaram a linha editorial da *Manchete*. Para além da famosa edição de carnaval da revista, foi consolidada uma linha editorial de interesse histórico, que pode ser aferida nos diversos números especiais, com edições sobre temas prementes ou personalidades, como por exemplo: Amazônia, 4º. Centenário do Rio de Janeiro, a chegada do Homem à lua, a Copa de 1970, a morte de JK e a visita do Papa ao Brasil.

A edição história da inauguração de Brasília é mais uma edição extraordinária deste conjunto, mas com uma tiragem surpreendente de 700.000 exemplares, que se esgotaram em três dias. A edição especial é inclusive anunciada em edições anteriores, preparando e aguçando a curiosidade do leitor. Mesmo diante de um roteiro pré-definido que marcariam as festividades de inauguração, a revista não informa este programa, nem tampouco traz um índice dos assuntos tratados na edição. Ao seu modo, a revista abre uma narrativa espetacular sobre o feito desde a fotografia da capa até a última página, por meio de um conjunto de “*flashes excitantes*” de um evento histórico, aparentemente sem concatenação lógica. Ao adotar tal estratégia, fica patente o envolvimento e a sedução do leitor que a sucessão de fatos e as várias efemérides seguem construindo um panorama plural, com focos a atenções que não estão atentas apenas às figuras políticas, ou reduzindo a cidade a JK.



Capa da edição especial da revista *Manchete*



A ausência de um índice que auxilie acessar diretamente os assuntos reitera essa experiência não-guiada com o conteúdo da revista. Mesmo assim, destaca-se logo na página 5, quem são os colaboradores deste número da revista, na seguinte ordem: Adolpho Bloch, Oscar Bloch Sigelman, Nelson Alves, Dirceu Tôres Nascimento, Justino Martins, Leonardo Bloch, Pedro Jack Kapeller, Daniel Caetano, Raimundo Magalhães Júnior, Murilo Melo Filho, Arnaldo Niskier, Zevi Ghivelder, Jacinto de Thormes, Nelson Sampaio, Wilson Passos, Nicolau Drei, Jáder Neves, Jankiel Gonczarowska, Gil Pinheiro, Ivo Barreti. Este conjunto de nomes mistura jornalistas, fotógrafos, membros da família Bloch, apontando mais para registrar o time do que valorizar algo, digamos, coletivo. Basta comparar estes nomes com outras edições da revista sobre Brasília para verificar presenças e a permanência destes nomes.

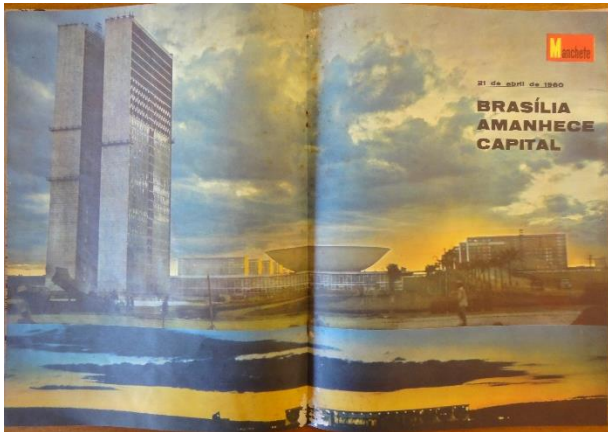
Dentro de um universo imagético é possível apontar que há uma narrativa que se inicia com JK recebendo as chaves da cidade e que se encerra com uma pessoa anônima beijando as mãos de JK. Tomar a revista como suporte para pensar a inauguração da cidade interessa pelos destaques de certos assuntos, ao invés de fazer um percurso enfadonho apontando a sequência de matérias que são publicadas. Dentre os destaques desta edição, vale apontar a missa rezada num altar temporário montado no peristilo do Palácio do Supremo Tribunal Federal. O caráter ecumênico e religioso desta missa se desdobra no caráter simbólico da presença de uma cruz, do sino e da mensagem do Papa João XXIII, o que para um Estado que se pretende laico não é pouca coisa.

Outro destaque da edição especial é recepção dos Corpo Diplomático, mostrando aos leitores a chancela oficial das autoridades e representações do mundo que legitimavam a nova Capital. A esta matéria se somam às demais páginas que registram a presença de autoridades e ilustres visitantes ao longo da construção de Brasília. Nesta edição especial, a presença de autoridades envergando fraques e cartolas no cerrado rendeu boas imagens da epopeia de Brasília. Ao mesmo tempo em que a revista registra as solenidades oficiais de transferência do Congresso e do STF para suas novas sedes, o destaque social e político está no Palácio do Planalto, que foi o palco da recepção oficial, o auge das atividades sociais da inauguração. Nos amplos espaços do novo palácio, entre bandejas bem fornidas, garçons hábeis e a música animada de Bené Nunes, milhares de convidados participaram do grande evento: “*O primeiro baile*”. A foto invertida de página dupla dá um flagrante em uma multidão bem vestida dos membros das elites políticas, econômicas e culturais, em sua habitual e desenvolta atividade social. Jacinto de Thormes, em sua coluna social, assinala que a inauguração de Brasília se trata de um espetáculo, o “*mais chique*”! Em que pesem os contrastes entre o sapato Dior e a falta de calçadas, o jornalista destacou que tal “poesia do contraste” somente poderia ser percebida por poucos, aqueles que de fato eram viajados e cosmopolitas. A condição de “cidade nascendo” é apontada como característica intrínseca, incluindo a poeira, os andaimes e os candangos como parte normal do feito histórico. Com esta coluna na edição especial, a guerra de narrativas da imprensa ganhava um baluarte bastante favorável à Brasília. Sem o mesmo charme, mas com igual importância, a revista destaca um conjunto de atividades de caráter popular. Num contraponto ao *high-society*, *Manchete* registra a Parada dos Candangos, a queima de fogos e traz uma matéria sobre a presença da juventude estudantil na Praça dos Três Poderes.

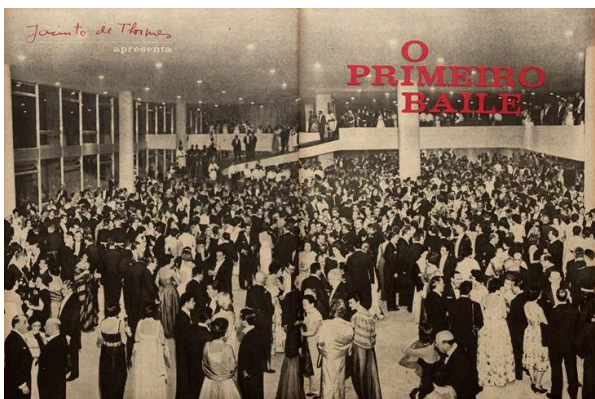
A revista *Manchete* sempre valorizou o fotojornalismo e por esta razão, as imagens de qualquer edição tem um peso enorme do discurso jornalístico do assunto em questão. Para esta edição especial sobre Brasília predominam fotos bem humanizadas, com multidões e perspectivas dos amplos espaços de Brasília sendo ocupados. Assim, muitas fotos mostram o Eixo Rodoviário-residencial —depois batizado de *Eixão*— e os blocos das superquadras. Ou seja, a arquitetura residencial da nova capital passa a conviver com a arquitetura extraordinária de Niemeyer para os palácios. Analisando o intenso acompanhamento que a *Manchete* realizou de Brasília é possível apontar que esta edição especial recupera imagens e temas do processo de construção da cidade, já publicados antes. No entanto, as demais fotografias e abordagens valorizam a cidade como um fato consumado, mesmo com a longa perspectiva para sua consolidação. Nesta



edição, interessa mais para a revista mostrar as obras prontas, os palácios vistos por dentro, com seus espaços em funcionamento.



Páginas centrais da edição especial da revista **Manchete**, com foto colorida e invertida.



Páginas duplas da edição especial da revista **Manchete**, com foto do Baile no Palácio do Planalto.

A seleção de fotos sobre a arquitetura já não precisa mais adotar um viés jornalístico explicativo. Já não é mais necessário ao leitor recobrar a construção da cidade e/ou o concurso do Plano Piloto, por esta razão não há desenhos de Lucio Costa, nem de Oscar Niemeyer. As obras de Niemeyer são elogiadas, mas não há uma preocupação didática da revista em explicar um conjunto complexo de arquiteturas que já haviam sido mostradas em edições anteriores. Os palácios brancos de Brasília predominam na revista. Sejam nas fotos das matérias, ou até mesmo quando são incorporados à publicidade. No contraponto de escalas, os blocos e as superquadras da Asa Sul são registrados sem identificação precisa. A catedral em pleno processo de concretagem é contraposta com um texto que informa que possui 40m de altura, cujas estruturas em concreto serão fechadas com “*placas de vidro refratário, de cor neutra*”. Na foto realizada no aeroporto, vê-se a massa rarefeita dos blocos das superquadras se contrapor à ordem dos blocos cadenciados dos Ministérios. No horizonte da foto, se destacam as torres do Congresso e o edifício do Hospital de Base.

O Museu da Cidade já se parece mais uma escultura do que com um edifício. Até hoje, este edifício é uma incógnita para muitos moradores, apesar de sua ousadia estrutural para definir um volume que desafia os balanços. Sem dúvidas, o Palácio do Congresso Nacional é o edifício mais registrado na revista. Seja como elemento de destaque no fundo das imagens, seja como ambiente protagonista, as torres e as cúpulas já se apresentam como síntese imagética definitiva da cidade. A própria capa da revista reitera tal entendimento e difunde esta carga simbólica. A foto noturna da cúpula da Câmara dos Deputados iluminada de modo dramático revela uma tensão visual ao mostrar parte do edifício do Congresso. Na verdade, trata-se de uma única foto que também é a quarta capa da revista.



No princípio, ele era o único palácio, mas em 1960, o Alvorada já não causa alvoroço. A função residencial do Palácio da Alvorada, que já havia sido inaugurado em 1958, não parece condizente com tanta atenção no momento histórico da inauguração da cidade, em que as funções administrativas devem ter protagonismo. Contudo, a imagem da terceira capa da revista traz, justamente, uma imagem colorida da capelinha do Alvorada, com a legenda: “...ponto alto da arquitetura revolucionária de Brasília.”, o que não é pouca coisa. Com relação à força das imagens, vale apontar o quanto a fotografia em página dupla —p.52-53— é reveladora da condição espacial da escala monumental do Congresso visto a partir da Praça. Trata-se de uma fotografia colorida com ampla perspectiva, que na estrutura da revista corresponde justamente ao ponto em que ela está grampeada. Ou seja, uma página dupla que é comum de ser aberta ao acaso, reiterando o impacto visual que a capa da revista já apresenta. A foto é impactante por mostrar o Congresso Nacional sob uma luminosidade do cair da tarde, com um céu plenos de nuvens, com predomínio dos tons de azul, cinza e amarelo, revelando uma paisagem de Brasília e sua arquitetura. A logomarca da revista figura acima da chamada grandiloquente: “*Brasília amanhece capital*”. Entretanto, ocorre um fato curioso: a fotografia está invertida! Sim, a foto mais importante da revista está invertida. Seja pela premência de editar a revista ou pelo desconhecimento da coisa fotografada, apesar de o próprio Adolpho Bloch ser bastante atento às edições finais das revistas, essa mancada passou despercebida e chama a atenção, mesmo 60 anos depois, poder constatar tal equívoco.

A publicidade desta edição merece atenção especial, pois os diferentes patrocinadores utilizaram imagens da própria cidade para dar suporte aos seus produtos. Chama a atenção a presença de peças publicitárias de patrocinadores do seguinte quilate: Coca-Cola, Cia. Rádio Internacional do Brasil, General Motors do Brasil S.A., Siemens, Fogos Caramuru, Champion Celulose S.A., Nestlé, ESOL – Engenharia Sanitária e Obras S.A., EUCATEX S.A., Banco de Crédito Real de Minas Gerais S.A., Bank of London & South America Limited, CATERPILLAR Brasil S.A., CSN – Companhia Siderúrgica Nacional, Ericson do Brasil, Pirelli S.A., Lanifício Inglês S.A., Refinaria e Exploração de Petróleo UNIÃO S.A.. Todas estas marcas de indústrias e serviços atestam o quanto a transformação das forças produtivas do país estava em curso acelerado, corroborando o otimismo geral dos anos JK.

Ao cabo da leitura da revista, fica na retina da memória um conjunto de extraordinárias imagens que, alternando personalidades, edifícios, paisagens e grandes visuais urbanas, tal qual um caleidoscópio, mostra a capital inaugurada com uma força épica que faz jus ao que é anunciado na capa da revista: uma edição histórica.

## Revista *brasil*

A revista *brasil* é o desdobramento editorial de um boletim de divulgação dos contratos, serviços e atividades relativos às iniciativas da NOVACAP. A cada edição, o crescente volume gráfico de desenhos, fotos e as matérias sobre a construção de infraestrutura e das obras de urbanismo e arquitetura da nova Capital Federal, transformaram sua importância em uma importante publicação diretamente relacionada com consecução de Brasília. A edição número 40 perfaz as vezes do número especial **21 4 60**, com uma foto no formato PB do Palácio da Alvorada na capa, dedicada à inauguração da cidade.

Esta edição se destaca por manter o tom oficial e formal de sua gênese. A longa listagem o nome dos profissionais relacionados aos departamentos da NOVACAP, logo após um texto de apresentação assinado pelo Presidente da NOVACAP, logo no início da edição, atesta isso. Após a marcante nominata, uma seção intitulada “*Estes construiram Brasília*” apresenta os grandes nomes que estavam diretamente vinculados à construção da cidade, portanto, não surpreende a sequência de nomes que se inicia incluindo o Presidente





e o vice, ou seja, JK e Jango, seguidos de Israel Pinheiro, Ernesto Silva, Íris Meinberg, Bernardo Sayão, Oscar Niemeyer e Lucio Costa, dentre outros.



Capa da edição especial da revista **brasília**

“A história da construção de Brasília” e “A construção de Brasília” são dois textos bem focados no assunto, mas não possuem autoria identificada. O primeiro aponta o processo político, o concurso, a visita oficial ao sítio. Já o segundo texto, apresenta uma curiosa estrutura de “obras executadas”, “obras em andamento”, indicando justamente essas informações, incluindo a metragem quadrada das obras. A partir daí, muitas fotografias, todas em formato PB, são encadeadas, mostrando o Palácio da Alvorada, o Hotel, os eixos, as superquadras, os palácios da Praça dos Três Poderes. A fotografia da Catedral em construção é acompanhada da foto da maquete da Catedral. O icônico desenho do Plano Piloto de Lucio Costa aparece em meio a uma seção que traz informações, quase como um relato, sobre ferrovias, rodovias, energia, telecomunicações, água e esgoto, abastecimento. Importante notas que esta articulação visual fica sem indicações mais precisas. Ao mesmo tempo, a revista dedica páginas sobre o sistema educacional, com textos sobre sua estruturação e fotos dos edifícios educacionais. A mesma atenção é despendida para o sistema de saúde da nova capital.

O tom oficial da edição especial é reiterado com a longa fala presidencial de JK sobre Brasília e para não deixar dúvidas, a revista apresenta uma sequência de visitantes ilustres que passaram pela cidade em construção. Uma das seções mais diferenciadas desta revista, em relação às demais, é um informe sobre a divulgação da cidade e de sua construção mundo a fora, por meio de exposições. Destaca-se que patrocínio da empresa aérea Panair do Brasil está junto desta organização, com mostras em Lisboa, Madri e Munique. Dentre os artigos sobre o caráter estratégico de ocupação do território e sobre aspectos sociológicos da nova capital, destaca-se a abordagem otimista sobre o futuro de Brasília no ano 2000, do escritor Osvaldo Orico, autor de “*Brasil, capital Brasília*”.

Ao cabo da leitura da revista, a impressão que perdura é mais de um documento oficial sobre o processo histórico e sobre a construção da cidade, do que sobre a inauguração em si. A revista não valoriza a inauguração como um fato novo a ser mostrado, mas valoriza as personalidades que atuavam diretamente e que estavam a frente de sua construção. Mesmo com um conjunto fotografias importantes para apresentar diferentes aspectos da cidade, o texto é preponderante às imagens. Os artigos nela contidos parecem ter perdido o vigor e, ao reler a revista hoje, as informações em tom de relatório parecem interessar mais para pensar e problematizar a construção de Brasília como fato arquitetônico e urbano. Mesmo assim, o exemplar especial da revista interessa como um material de divulgação e formal prestação de contas sobre a



construção da cidade, que adquire uma importância crescente como fonte de pesquisa. Por fim, vale lembrar que a revista **brasília** era impressa no parque gráfico da Bloch Editores.

## Revista *Paris-Match*

Ao folhear a revista francesa **Paris-Match**, vale lembrar que esta revista —junto com a norte-americana **Life**— é uma das referências editoriais de Adolpho Bloch para desenvolver o projeto da *Manchete*. Ao ler a *Paris-Match* temos a impressão de estarmos folheando uma edição de *Manchete*, pois a dimensão, a dinâmica visual e o impacto gráfico equivalente entre ambas, impressionam o leitor. Brasília aparece nas páginas da edição 581, de 28/05/1960 da revista, sem destaque, apenas como mais uma reportagem situada em meio às demais matérias daquela edição. A capa da revista traz a atriz Jeanne Moreau e a chamada para as tensões entre Estados Unidos e União Soviética, mas nada aparece sobre Brasília.

Entretanto, entre as páginas 72 e 87, há uma matéria especial assinada pelo jornalista Raymond Cartier, que já tinha visitado a cidade em 1959. Com fotos coloridas e PB, fotos aéreas, fotos da construção dos edifícios, a reportagem sobre Brasília tem um apelo imagético bem controlado, pois apresenta a paisagem e o artefato urbano sobre ela construído. Neste sentido, vale ponderar que os textos permeiam as imagens e somente no final da matéria é que aparece um artigo do próprio Cartier. De fato, o suporte iconográfico impressiona, pois evidenciam os esforços técnicos para registrar a cidade e sua construção, bem como outros momentos. Há uma foto colorida de página inteira com os blocos residenciais da SQS 108, que mostra ao fundo os blocos ministeriais da Esplanada e as torres do Congresso. As cúpulas, a arquitetura revestida e pintada de branco ficam em destaque, assim como a pessoa de Oscar Niemeyer e Juscelino Kubistchek, que é tratado como “faraó” por ser o grande vetor político da empreitada da “*aventura de Brasília*”.



Capa da edição especial da revista **Paris-Match**

A reportagem mostra a paisagem, a construção, a arquitetura e o esforço técnico e humano para realizar tal empreitada. O contraste social não escapa ao olhar da revista e aparece com os palácios modernos em formas ousadas de concreto se contrapondo aos edifícios em madeira situados na periferia do Plano Piloto. O texto recobra ainda o expressivo número de 60.000 trabalhadores que estavam atuando no canteiro de construção da cidade. Barracos de antigas ocupações temporárias também foram registrados tendo ao fundo a imponência do Congresso Nacional. Já o *glamour* da inauguração fica registrado por uma foto de René Burri para a agência Magnum, que registra em primeiro plano dois casais na varanda Oeste do Palácio do Planalto,



com dois sujeitos de *black-tie* acompanhados por duas mulheres com vestidos tomara-que-caia brancos, tendo como pano de fundo, as torres iluminadas do Congresso Nacional.

Toda a reportagem parece preparar o leitor para enfrentar o artigo do jornalista. O texto é acompanhado de um desenho em perspectiva, ainda elaborado bem vinculado ao esquema do desenho do Plano Piloto de Brasília feito por Lucio Costa. Apesar de certas diferenças com a cidade construída, o uso deste tipo de representação gráfica com legendas é um artifício simples e eficaz, mas que não foi detectado em outras publicações nacionais. A ideia de uma cidade “*surgida do nada*” é reiterada com a nuance otimista de que a cidade pode mudar a face do mundo, já sendo tratada de “*capital do ano 2000*”. O artigo recupera uma cronologia de fatores para a transferência da capital, incluindo as experiências de fazer cidades novas no interior, tais como Belo Horizonte e Goiânia. Ao mesmo tempo, Cartier explora os contrastes entre a ideia de “*surgida do nada*” com uma capital feita “*no deserto*”. Eis a possível gênese de dois estigmas que se perpetuaram sobre Brasília... O texto explica o esquema urbano do desenho e, ao seu modo, reitera os argumentos de Costa. Para Cartier, o projeto deposita uma confiança em uma arquitetura bem avançada para construir tal cidade num lugar inabitado, no interior de um vasto território, superando um atraso histórico, fato que também provoca uma intensa curiosidade do mundo.

O artigo permeia diferentes aspectos. Tal qual uma estrela, a imagem de Brasília é tratada como uma centralidade a partir da qual se articula todo o território, como uma nova rede. Destaca-se a articulação com as cidades importantes do território, ou seja, a articulação do Rio e de São Paulo com Brasília, ao mesmo tempo em que aponta a articulação com lugares desconectados de uma “*imensidão geográfica*”, que serão finalmente integrados, como a nova rodovia de Brasília para Belém. O artigo bem argumenta que a cidade vocacionada para o futuro tem o seu próprio futuro incerto, na medida em que diversas condicionantes incidem no problema do fazer a cidade. Assim, o futuro da cidade-capital está condicionado a um tenso conjunto de variáveis políticas, econômicas e sociais. A capital do Brasil em 1960, com vocação de ser a “*capital do mundo no ano 2000*” é uma aposta intrépida, por representar uma chance de transformação. A dúvida que se interpõe é saber se a resposta para tal expectativa de transformação vai além do caso do Brasil e sua nova Capital, indagando se neste mundo pode haver uma grande potência tropical?

Ao cabo da leitura, a impressão que perdura é a constatação de um feito humano extraordinário de futuro incerto. Em que pese a gigantesca conquista que Brasília representa em escala mundial, o seu destino e o seu futuro são de responsabilidade do próprio país. Ou seja, ao longo de toda a reportagem, a revista habilmente detecta as contradições brasileiras que existem antes de Brasília e que poderão ser suplantadas ou não, com esforços tão vultosos quanto àqueles que foram mobilizados para uma empreitada que tem ares de coisa impossível.

### Projeto, cidade, mídia e nação

Ao contrapor as três publicações torna-se quase elementar deduzir a importância superior da edição especial de *Manchete*. Contudo, trata-se de um resultado decorrente da especulação das três revistas. Foi bastante oportuno retomar as três publicações para construir este panorama. O mote da inauguração aparece de modo irregular entre elas, mas se trata do pretexto editorial que alinhava as três revistas. A ideia inicial deste artigo considerava analisar apenas a edição especial de *Manchete*. Contudo, o fato de ter em mãos os demais exemplares das revistas poder folhear e estudar diretamente os exemplares tornou o problema diferente do que se pressupunha. Ou seja, diante de um contexto pandêmico que impõe restrições de acesso às bibliotecas e acervos, poder usufruir do franco acesso às fontes de pesquisa —as 3 revistas— interferiu no ajuste do tema, nos recortes e nas potenciais abordagens. Tudo isso amplificou a provocação inicial de repensar a inauguração de Brasília como uma cerimônia projetada para consubstanciar de modo definitivo o tônus simbólico da nova Capital Federal.



Ao mesmo tempo em que as demais revistas fazem contraponto à *Manchete*, a própria edição especial da revista se fortalece como um documento singular sobre este momento histórico tão marcante da história do Brasil, da história da arquitetura e do urbanismo do século XX e da história da própria cidade. De certo modo, com o passar do tempo, ao invés de ser tomada como produto descartável, a edição especial da revista se converteu em um documento incontornável. A prova cabal da mudança de *status* e da valorização da *Manchete* como fonte documental pode ser aferida considerando a incorporação da coleção de revistas no setor de obras raras da Biblioteca Central da UnB há alguns anos. No caso específico, a edição especial, aliás, “*histórica*”, passou a ser uma constante editorial para pensar na cidade e suas correlações com efemérides, com suas subsequentes comemorações. Como desdobramento desta abordagem, oportunamente será analisado o quanto a cobertura realizada pela revista possui de força para pautar a elaboração de matérias e/ou cadernos especiais sobre Brasília que são sazonalmente publicados pelo jornal *Correio Braziliense*.

A *Manchete* sempre foi engajada e favorável à Brasília e de modo muito especial, o pioneirismo da revista se funde ao discurso do pioneirismo da cidade em construção. Esta edição histórica é a síntese de um processo sistemático de divulgar a cidade que não se encerrou em 1960. Brasília permaneceu nas páginas da revista até o seu ocaso. Nesta etapa, a revista participou ativamente como suporte de divulgação e propaganda do projeto e da cidade, reificando a construção de um sentido modernizador de nação. Um plano urbanístico complexo, demandando grandes desafios técnicos e um conjunto arquitetônico extraordinário de excepcional qualidades plásticas passaram a ser assuntos recorrentes em *Manchete*. Ao mesmo tempo em que divulgava e difundia, a revista transformou o extraordinário de Brasília em assunto cotidiano, corriqueiro, ao alcance de qualquer um, já que suas tiragens semanais cresceram muito neste período. Reiterando os termos do trabalho apresentado no ENANPARQ-2020, a revista se converteu no suporte midiático mais precioso para decalcar o projeto de Brasília e forjar o sentido de nação que a carga simbólica da nova Capital Federal possuía. No caso de Brasília, a *Manchete* é a articulação singular entre projeto, cidade, mídia e nação.

## Referências Bibliográficas

BENSE, Max. **Inteligência brasileira: uma reflexão cartesiana**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

BLOCH, Arnando. **Os irmãos Karamabloch: ascensão e queda de um império familiar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CAPPELLO, Maria Beatriz. **Arquitetura em revista: arquitetura moderna e sua recepção nas revistas francesas, inglesas e italianas (1945-60)**. São Paulo, FAUUSP, Tese de Doutorado, 2005.

COHEN, Jean-Louis. **O futuro da arquitetura desde 1889**. São Paulo: CosacNaify, 2013.

GONÇALVES, José Esmeraldo & BARROS, J.A.. **Aconteceu na Manchete: as histórias que ninguém contou**. Rio de Janeiro: Desiderata, 2008.

OLIVEIRA, Márcio de. **Brasília: o mito na trajetória da nação**. Brasília: Paralelo 15, 2005.

TAMANINI, Lourenço F.. **Memória da construção: Brasília**. Brasília: Royal Court, 1994.

TINEM, Nelci. **O alvo do olhar estrangeiro. O Brasil na historiografia da arquitetura moderna**. João Pessoa, Ed. Manufatura, 2002.

SERAPIÃO, Fernando. **Arquitetura em revista: a Acrópole e os prédios de apartamento em São Paulo – 1938-71**. São Paulo: Mackenzie, Dissertação de Mestrado, 2005.



Revista **brasil** – número especial, nº.40, 21/04/1960.

Revista **Manchete** – edição histórica, 21/04/1960.

Revista **Paris-Match** – edição 581, 28/05/1960.